

O HORIZONTE SÓCIO-CULTURAL DA LEITURA

Leci Borges Barbisan
PUCRS

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo é o de tecer algumas considerações em torno de uma pedagogia intercultural. Para tanto, faremos alguns comentários teóricos, visando fundamentar uma proposição metodológica de abordagem da leitura.

A INTERCULTURA

Etnólogos e antropólogos reconhecem há muito tempo a existência da inter-relação entre língua e cultura. Numa acepção antropológica, o termo "cultura" designa "um sistema dinâmico de valores, composto de elementos adquiridos, com postulados, crenças e regras que permitem aos membros de uma comunidade estabelecer relações entre eles e com o mundo, comunicar e desenvolver capacidades criativas que neles existem"¹.

Basearemos a proposição metodológica nas seguintes observações relativas à cultura:

— o fato cultural está enraizado no tempo e no espaço, numa vivência social e coletiva e/ou individual. A cultura não pode então ser vista como um objeto externo, mas como um conjunto de mutações sociológicas, políticas e nocionais;

— o fato cultural deve ser entendido numa perspectiva relacional. Este ponto de vista é construído a partir da complementaridade do eu com o Outro, ou seja de uma relação entre duas entidades dinâmicas não hierarquizadas;

— cultura é um produto mediatizado por grupos, sociedades, homens. O interesse se volta mais para indivíduos do que para objetos. Obras de arte, monumentos são considerados valores culturais veiculados por indivíduos ou grupos.

¹Cultures, vol. 4, 1977, p. 58 (publicação UNESCO)

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

O objetivo do trabalho pedagógico seria, nesta perspectiva, o de desenvolver a intercompreensão entre indivíduos e grupos de diferentes culturas. Seria o de levar à compreensão da cultura do Outro por meio de procedimentos reflexivos, deixando de lado o estágio descritivo. Seria o de perceber, através dos homens, dos costumes, dos comportamentos, a expressão de uma cultura. Esta é, pois, uma orientação ativa, que supõe elaboração pessoal.

Que suporte utilizar nessa pedagogia? Daremos apenas algumas sugestões: a publicidade como modo de discurso de uma sociedade sobre si mesma, enquetes, entrevistas, autobiografias ("récits de vie"), panfletos, histórias cômicas — textos escritos ou orais, como gravações de entrevistas, notícias de rádio, filmes, etc., que parecem oferecer possibilidades de análise. Tais documentos deveriam ser numerosos e variados, relativizando as diferenças culturais, promovendo uma pluralidade de discursos sobre as culturas.

Os suportes seriam selecionados, pelos alunos e pelo professor, em função da situação social e política na qual se inscrevem as relações dos grupos em presença. Mais do que uma etnografia dos fatos, seria uma etnografia dos problemas, das situações, que interessaria.

Considerando-se que o fato cultural se situa no tempo e no espaço, no "aqui" e "agora", e que envolve o Outro e eu, a proposição metodológica para tal ensino-aprendizagem deveria fundamentar-se numa pedagogia da enunciação. Como todo discurso se insere numa situação de comunicação, a "leitura" oral e escrita faria a apreensão do sentido baseada em parâmetros tais como: quem fala, para quem, em que circunstâncias, com que intenção, etc. Eu e o Outro, respectivamente receptor e emissor, seriam caracterizados por suas competências lingüística e pára-lingüística, por suas competências ideológicas e culturais, por suas determinações psicológicas, pelas imagens que ambos fazem de si mesmos. Em suportes orais, dados como a entonação, a voz, o ritmo, a fluência, nos quais nem sempre se torna possível, todavia, separar o social do individual, dão um sentido ao verbal.

O papel previsto para o professor na pedagogia que propomos é o de animador, que oportuniza ao aluno o contato com o Outro, através de "leituras" de suportes escritos e orais. A atuação do professor, nessas condições, terá de ser a mais discreta possível, permitindo o encontro do eu-receptor-aluno com o Outro-emissor, sem passar necessariamente pela intermediação do eu-receptor-professor.

CONCLUSÕES

Mais do que em termos de conteúdo, uma definição de cultura seria feita em termos de fronteiras. Fronteiras que são objeto de mudanças, de acordo com as situações históricas, sociais e políticas com as quais os grupos étnicos se confrontam.

Os procedimentos didáticos propostos levariam à compreensão em termos de representações. Representações como processos de mediação entre o conceito e a percepção. Como as representações evoluem com o tempo e o indivíduo, aparece a noção de relativismo e, em consequência, de informação mais sobre quem as formula do que sobre o objeto da formulação. Não se trataria então de apreender uma cultura verdadeira, autêntica, original, mas de admitir a inscrição, no tempo e no espaço, não somente das culturas, mas também do ato de apropriação propriamente dito.

BIBLIOGRAFIA

- ABDALLAH-PRETCEILLE, M. La perception de l'Autre. *Le Français dans le monde*. Paris Hachette-Larousse, 181, nov.-déc. 1983.
- HALTÉ, J.-F. De la langue à la communication dans l'école. *Pratiques*. Metz, Université de Metz, 40, déc. 1983.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. L'énonciation; de la subjectivité dans le langage. Paris, Armand Colin, 1980.
- LÉON, P. Modèles et fonctions pour l'analyse de l'énonciation. Paris, Hachette-Larousse, 145, mais - juin 1979.